Dia 8 — São João de Deus

São João de Deus foi português e nasceu em Montemor-o-Novo, a 8 de março de 1495. Foram seus pais uns pobres oficiais, mas temerosos de Deus e muito inclinados à hospitalidade. Tendo hospedado em certa ocasião um pobre sacerdote que ia a caminho de Madri, o menino João, que à sazão tinha só nove anos, com impulso pueril teve vontade de segui-lo; e, escapando-se de sua casa, arrimou-se ao sacerdote, o qual, achando-se embaraçado com aquele rapazinho, deixou-o no caminho, na vila de Oropesa, em Castela. Vendo-se João desamparado, acomodou-se com um pastor, que o recebeu por zagal.

Portou-se com tanta fidelidade e com tanta cordura que ganhou o carinho de todos os seus companheiros; mas, cansado daquela vida simples e campestre, assentou praça de soldado numa companhia de infantaria e marchou a Fuenterrabía, que tinha sitiada Carlos V com intento de voltar a recobrá-la dos franceses. Até então havia conservado o candor da inocência; mas a licença militar e o mau exemplo de seus camaradas precipitaram-no logo nas maiores desordens.

Saiu um dia destacado numa partida que ia forragear, e fizeram-no montar uma égua dura de boca e espantadiça, a qual se empinou à vista dos inimigos e o arrojou contra uns penhascos, maltratando-lhe o corpo com tão violento golpe que começou a deitar sangue pela boca e pelas narinas, ficando sem movimento, sem sentido e sem fala por espaço de duas horas. Voltou a si; e, reconhecendo o perigo, pôs-se como pôde de joelhos e invocou a santíssima Virgem, a quem havia professado uma terna devoção desde sua infância, embora a houvesse esquecido muito desde que estava na milícia. Acabada sua oração, sentiu-se com forças e pôde, arrastando o corpo, retirar-se ao campo. Ali foi socorrido; e, apesar do escarmento, nem por isso melhorou de costumes.

Não tendo bastado a convertê-lo este primeiro aviso, teve outro que foi mais eficaz. Haviam-lhe mandado guardar certa bagagem que se havia tirado ao inimigo; e ele, por descuido ou por demasiada confiança, deixou-a furtar. Irritado o capitão e querendo fazer um exemplar castigo para escarmentar a negligência de outros, fez que lhe formassem a causa e o sentenciou à forca. Já ia executar-se a sentença quando, movido de compaixão, um oficial-general intercedeu por ele; concedeu-se-lhe a vida, mas com a condição de ser arrojado ignominiosamente do campo e de que jamais voltasse ao exército.

Vendo que o ofício de soldado lhe havia saído tão mal, restituiu-se a Oropesa; voltou a buscar seu amo antigo e voltou também a seu antigo ofício de pastor; mas igualmente voltou a cansar-se logo daquela vida ociosa e preguiçosa. Soube que o conde de Oropesa fazia levas pelo duque de Alba para ir à Hungria contra o turco; alistou-se nelas, passou à Hungria; mas, tendo-se retirado os turcos, foram despedidas as tropas espanholas. Desembarcou João na Corunha, e ali teve notícia de que sua mãe havia morrido de pesadumbre pouco depois que ele a deixara; e que, morta esta, seu pai, retirando-se do mundo, havia acabado santamente sua vida num convento. Esta notícia o enterneceu até fazê-lo derramar lágrimas, e pode contar-se por primeira época de sua conversão. Envergonhado de sua irresolução e aceso em fervorosos desejos de fazer penitência, fez uma

confissão geral muito dolorosa e, para assegurar melhor sua salvação, determinou passar à África em busca do martírio.

Embarcou em Gibraltar e na mesma embarcação achou um cavaleiro português que ia desterrado a Ceuta com sua mulher e quatro filhas. Vendo a miséria a que se achava reduzida aquela pobre família e tocado daquele inesgotável fundo de compaixão e de caridade com que havia nascido e que foi sempre seu distintivo e seu caráter, não só se ofereceu a servi-la de criado, mas ia trabalhar de peão em obras públicas para ajudá-la a manter-se com o triste jornal que ganhava.

Esteve algum tempo em Ceuta, até que, desenganado por seu confessor de que eram ilusões aqueles desejos do martírio, resolveu voltar à Espanha. Embarcou-se e na navegação padeceu uma furiosa tempestade, que atribuía a seus pecados. Arribando a Gibraltar, para manter-se o tempo que ali se deteve, vendia estampas e livrinhos de devoção.

Indo um dia a certo lugarzinho vizinho, apareceu-lhe o Filho de Deus em forma de um formoso menino que caminhava a pé com os pezinhos descalços. Compadecido João, tirou os sapatos e calçou o menino; mas este não os quis admitir, dizendo que eram grandes para seus pés. Então João pôs o menino sobre os ombros e começou a caminhar; e, como lhe pesasse muito a carga, desceu o menino e sentaram-se os dois junto a um arroio. Escolheu o menino Jesus aquela ocasião e lugar para dar-se a conhecer e, mostrando-lhe na mão uma romã aberta, de cujo centro saía uma cruz, disse-lhe: João de Deus, Granada será tua cruz; e logo desapareceu. Ficou João inundado num dulcíssimo consolo; mas por então não compreendeu o mistério.

Tendo notícia do concurso e da solenidade com que se celebrava em Granada a festa de São Sebastião, determinou passar àquela cidade, parecendo-lhe que com esta ocasião despacharia nela suas estampas. Picou-lhe a curiosidade de ouvir o sermão do famoso mestre e santo padre João de Ávila, chamado o apóstolo da Andaluzia; e o Senhor, que o havia levado ali, acendeu em seu coração um arrependimento tão vivo e uma contrição tão perfeita de seus pecados que, sem poder conter-se, encheu a igreja de soluços e de gritos descompassados; e, soltando as rédeas à dor, dava fortes golpes de peito, arrepelava a barba, arrancava os cabelos, dava fortemente com a cabeça contra as paredes; e, saindo pelas ruas e praças, ia gritando como homem fora de si: Senhor, misericórdia!

Todos se persuadiram de que havia perdido o juízo; e, tendo-o por louco, foi-o seguindo a populaça. Os meninos tomaram-no por sua conta; e, perseguindo-o a pedradas, foram-no levando até sua pousada, aonde chegou todo ensanguentado, e não sossegou até que deu quanto tinha, repartindo entre os meninos toda a sua pobre loja. Desprendido já de tudo, voltou segunda vez a correr pelas ruas como se estivesse demente. Compadecidas algumas pessoas caritativas, apanharam-no e levaram-no ao mestre Ávila, que, retirando-o à parte, soube dele o motivo que tinha para prorromper naquelas loucuras aparentes. Compreendeu aquele grande mestre todo o mérito de tão heroica simplicidade; admirou o valor daquele humilde penitente e, não se lhe oferecendo por então que aquilo pudesse ter outras consequências, contentou-se com exortá-lo a uma grande confiança na misericórdia de Deus e com prometer-lhe sua assistência e sua proteção para quanto se lhe oferecesse.

Consolado João com as palavras do servo de Deus e persuadido sempre de que, por mais que se humilhasse, nunca seria tanto como mereciam seus pecados, apenas saiu de sua presença voltou a suas voluntárias loucuras. Pareceu aos que cuidavam do hospital que era necessário recolhê-lo; encerraram-no num quarto e deram-lhe crudelíssimos açoites, saltando o santo interiormente de alegria, vendo cumpridos seus desejos com aquela amarguíssima penitência. Teria durado mais se, sabedor o mestre Ávila do lastimoso estado em que se achava seu penitente, não lhe houvesse mandado cessar naquele gênero de mortificação, ordenando-lhe que cessasse também em sua aparente demência.

Obedeceu João, e sua repentina mudança fez conhecer a todos o verdadeiro motivo daquela assombrosa humilhação. Ficaram todos atônitos; mas nada os edificou tanto como a heroica caridade com que se ficou no mesmo hospital para cuidar dos enfermos.

Como a terna devoção que professava à santíssima Virgem era cada dia maior, fez uma romaria ao santuário de Nossa Senhora de Guadalupe, onde, ao calor das singulares graças que recebeu, cresceram muito os incêndios de sua caridade; e, por conselho de seu santo diretor o mestre Ávila, prometeu a Deus passar toda a vida no serviço dos pobres.

Voltando a Granada, alugou uma casa onde recolheu todos os enfermos abandonados e todos os pobres que encontrava pelas ruas. Vendo o caritativo cuidado que tinha deles e o socorro espiritual e temporal que lhes procurava, animou-se tanto a caridade do povo e da nobreza que em pouco tempo foi aquela primeira casa a admiração de toda a cidade.

Nela teve princípio a religião da hospitalidade, que nestes últimos tempos suscitou Deus para renovar na pessoa de seus filhos a mais fervorosa e a mais edificativa caridade dos primitivos séculos da Igreja. Confirmou esta religião, tão útil ao bem comum, o santo pontífice Pio V, no ano de 1572, e em breve tempo se propagou e estendeu até os últimos ângulos do mundo cristão, sendo edificação e assombro dos fiéis pela assistência espiritual e temporal com que consola a tantos infelizes desvalidos.

Entretanto aquele primeiro asilo dos pobres passou a ser em poucos anos, pelo zelo e pela caridade de nosso santo, o maior e o mais famoso hospital de toda a Europa. Não é possível explicar o afã, os cuidados, o desvelo que lhe custou criar, digamo-lo assim, aquela grande obra, sem outros fundos que os da Providência. Servia dia e noite aos enfermos com imensa fadiga, varria as salas, fazia-lhes as camas, curava-lhes as feridas, assistia-os, consolava-os, instruía-os, nada omitia, nada perdoava seu vigilante zelo, sua ardentíssima caridade. Veio ver o novo hospital o senhor arcebispo de Granada e ficou tão gostoso e satisfeito que o tomou debaixo de sua proteção, querendo também contribuir ao que nele se gastava. Tudo estava maravilhosamente disposto e prevenido: a limpeza das salas, a ordem no modo de servir, a abundância de móveis e de provisões, a caridade, a modéstia e a paciência dos que, movidos do exemplo do irmão João, concorriam debaixo de sua obediência a assistir aos enfermos.

Mas não se limitava precisamente a seu hospital a universal dilatação de sua imensa caridade. Estendia-se a todos os pobres envergonhados; socorria as necessidades das donzelas pobres que, por sê-lo, corria perigo sua castidade; e com suas santas indústrias tirava do mau estado as mulheres perdidas.

Depois que recebeu alguns companheiros que o ajudassem na caridade e nos trabalhos, ele mesmo saía com a taleiga a pedir esmola para seus pobres. Certo ar de santidade, que naturalmente respiravam suas palavras e modos, e até o mesmo desalinho do vestido granjeava-lhe a veneração universal. A fórmula ordinária com que pedia era esta: Tende, irmãos, caridade convosco mesmos e fazei bem por amor de Deus.

Mas, embora fosse geralmente venerado de todos, nem por isso deixavam de produzir-lhe muitas ocasiões de padecer e de humilhar-se sua caridade e seu zelo. Pedindo em certa ocasião esmola para seu hospital a um homem dissoluto, em vez de esmola deu-lhe uma recia bofetada. O santo, com admirável paciência e doçura, apresentou-lhe a outra face; ação que não só o confundiu, mas foi bastante para converter aquele homem arrebatado.

Embora fossem excessivos seus trabalhos, nem por isso era menor sua rigorosa penitência. Dormia no chão sobre uma esteira, servindo-lhe de travesseiro uma dura pedra; jejuava todas as sextas-feiras a pão e água e nos demais dias mantinha-se com só legumes; de maneira que sua vida era um perpétuo jejum. Andava sempre com os pés descalços e com a cabeça descoberta a todas as inclemências; seu vestido era sempre o que trazia o mais vil e andrajoso dentre os pobres, a quem dera o seu; e, em meio de uma vida tão mortificada, acusava-se continuamente de que era muito regalão.

Achava-se à sazão presidente da chancelaria de Granada o senhor bispo de Tui; e, conversando um dia com o irmão João, perguntou-lhe qual era seu apelido. O santo respondeu-lhe com sinceridade e com modéstia: O menino Jesus, que me apareceu a caminho de Gibraltar, chamou-me João de Deus. Pois João de Deus te chamarás daqui em diante, respondeu-lhe aquele prelado; e, porque a decência cristã torna mais amável a virtude, quero que desde hoje deixes esses andrajos, que talvez seriam causa de que muitos se desviassem de ti. Eu te mandei fazer o hábito que te convém, e é minha vontade que o vistas e daqui em diante o tragas. Admitiu-o o santo com humildade; e, fazendo o bispo trazer o hábito, benzeu-o e vestiu-lho com sua mão, sendo este o modelo do hábito que hoje trazem os religiosos de São João de Deus, chamados os irmãos da caridade.

Embora nosso João parecesse estar em contínua ação, pode-se assegurar que nem por isso era menos contínua sua oração, porque jamais perdia a Deus de vista. Foi dotado do dom da contemplação e favoreceu-o o Senhor com as maiores graças, dispensando-lhe também o dom de profecia e o dos milagres. Jesus Cristo e a santíssima Virgem honraram-no muitas vezes com sua corporal presença. Achando-se um dia em oração, viu esta soberana Rainha com uma coroa de espinhos na mão, que lhe disse: João, pelos espinhos e pelos trabalhos hás de merecer a coroa que meu Filho te tem reservada no céu; e ao mesmo tempo sentiu agudíssimas dores; mas, sem deter-se um ponto, respondeu cheio de amor e de ternura: Senhora, minhas delícias serão os trabalhos, e não quero mais flores que os espinhos da cruz.

Encontrou um dia na rua um pobre que, ao que parecia, estava para expirar; carregou-o às costas, levou-o ao hospital e meteu-o na cama. Lavou-lhe os pés; e, ao tempo de beijá-los, como costumava, reparou que os tinha furados à maneira de um crucifixo; levantou os olhos para olhar o pobre e conheceu que era o mesmo Cristo, o qual lhe disse: João, tudo o que fazes com meus

pobres recebo-o já como se o fizesses a mim mesmo; suas chagas são as minhas, e lavas meus pés sempre que lavas os deles. Dito isto, desapareceu a visão, e João se achou cercado de uma chama tão resplandecente que, assustados os enfermos, começaram a gritar: Fogo! Fogo! Que se queima o hospital!

Não dava passo para a caridade que não fosse acompanhado de grandes maravilhas; mas por fim, como eram limitadas suas forças, cederam ao rigor de suas penitências e ao trabalho de seu perpétuo afã caritativo. Caiu doente; e, vendo-o dona Ana Osorio, mulher de dom García de Pisa, rodeado de pobres que, aflitos inconsolavelmente pela perda de seu amoroso pai, cercavam seu humilde leito, penetrando seu compassivo coração com dolorosos alaridos, pediu licença ao arcebispo para levá-lo a sua casa. Mandou-o o prelado, e foi preciso a João obedecer, não obstante a repugnância que sentia em morrer fora de seu amado hospital. O mesmo arcebispo lhe administrou os sacramentos, que recebeu com tanta devoção que a comunicava aos presentes. Tomou por sua conta aquele piedosíssimo prelado manter seus hospitais e pagar as dívidas que havia contraído para sustentar os pobres. Finalmente, no dia 8 de março de 1530, conhecendo João que se aproximava a hora de seu ditoso trânsito, pediu que o deixassem só: saíram do quarto os que o assistiam; levantou-se da cama, pôs-se de joelhos, abraçou-se com um crucifixo e, dizendo estas amorosas palavras: Jesus, Jesus, em vossas mãos encomendo meu espírito, entregou sua alma nas de seu Criador. Ao ouvir ditas palavras, os que se haviam retirado entraram no quarto e o encontraram morto. Ficou o santo cadáver de joelhos e sem arrimo até que o tiraram dali para amortalhá-lo. Cumpria então nosso santo cinquenta e cinco anos, sendo muito digno de notar-se que morreu no mesmo dia em que nasceu. Concorreu a seu enterro o senhor arcebispo vestido de pontifical, com todo o clero secular e regular; o cadáver levavam-no alternadamente os religiosos de São Francisco e os Mínimos; rodeavam-no vinte e quatro jurados da cidade, e fechava a pompa fúnebre o presidente com toda a chancelaria, indo depois no acompanhamento toda a nobreza com uma incrível multidão de povo.

Duraram suas solenissimas exéquias por espaço de nove dias, em cada um dos quais se pronunciou uma oração fúnebre em elogio de suas heroicas virtudes. Os contínuos milagres que operou o Senhor para acreditar a virtude de seu fiel servo determinaram o papa Urbano VIII, tendo precedido largas informações, a expedir a bula de sua beatificação no ano de 1630; e no de 1690 o papa Alexandre VIII fez a cerimônia de sua canonização com grande solenidade na igreja de São Pedro.

Vinte anos depois da morte de São João de Deus, tendo-se aberto sua sepultura por ordem do arcebispo de Granada, achou-se o santo corpo inteiro e sem corrupção, não tendo sido embalsamado. No ano de 1660, Filipe IV, rei da Espanha, a instância de sua irmã dona Ana da Áustria, rainha da França, obteve um osso do braço direito de nosso santo para o hospital da Caridade de Paris, o qual enviou a sua sereníssima irmã engastado num preciosíssimo relicário, e foi levada a santa relíquia à igreja do hospital com devoção, pompa e solenidade extraordinária.

São Juliano, Arcebispo de Toledo

São Juliano, celebérrimo em santidade e eloquência, para falar com as mesmas vozes de que se serve o martirológio romano em seu elogio, modelo o mais perfeito dos prelados eclesiásticos, um dos ornamentos mais brilhantes da ordem episcopal e glória imortal de sua pátria, nasceu na imperial cidade de Toledo. Criaram-no seus pais no santo temor de Deus; mas seu belo natural e inclinação ao bem facilitaram mais que tudo o grande efeito que se seguiu a sua educação. Havia-o prevenido Deus com todas as disposições de natureza e graça para os eminentes desígnios a que o destinava sua providência. Seu engenho vivo, sólido e fecundo; sua superior capacidade para as ciências; seu coração nobre, dócil e generoso; seus modos gratos, cultos e aprazíveis; seu sumo horror ao pecado; sua piedade, sua doçura e as sublimes ideias de virtude sobre que formava os costumes, que o faziam tanto mais recomendável que seus talentos, foram indícios nada equívocos de sua futura santidade. Adornado com todas estas sobressalentes qualidades, fez Juliano admiráveis progressos, tanto na virtude como nas letras, na escola de Santo Eugênio III, arcebispo de Toledo; e, incorporado no clero daquela santa igreja, com o objeto de servir ao Senhor neste estado, contribuiu não pouco para seus adiantamentos a estreita amizade que contraiu com o diácono ou arcediago Gudila, que era reputado em seu tempo por uma das pessoas de conhecida piedade e sobressalente mérito. O amor à virtude, a semelhança nos costumes, a uniformidade nos pareceres tornaram indissolúvel até a morte o vínculo de sua união: eles não tinham senão uma vontade, um espírito e um coração que produzia uns mesmos desejos. Haviam resolvido de comum acordo retirar-se do mundo a uma santa solidão para viver tranquilamente e passar o resto de sua vida nos exercícios saudáveis da penitência, no estudo das santas escrituras e na contemplação das verdades eternas; mas, impedidas estas piedosas inclinações por uma superior autoridade, viram-se obrigados a ceder por obediência e permanecer nos respectivos ofícios de sua igreja, trabalhando na instrução e santificação do povo, segundo sua primeira vocação. Com efeito, ambos se esmeraram em desempenhar estas funções com um zelo infatigável, dando-se inteiramente ao ministério da salvação das almas e à instrução e aproveitamento dos próximos de uma maneira tão exata e prodigiosa que faz e fará o eterno lustre e honra de sua igreja.

Morreu Gudila no ano oitavo do reinado de Wamba; e sentiu Juliano esta falta com dor tão viva e penetrante que foi necessária toda a sua virtude para resignar-se. Depois de haver satisfeito os obséquios devidos a seu fiel e íntimo amigo, procurando que seu funeral se fizesse com toda pompa e magnificência, continuou nas funções eclesiásticas, especialmente nas do sacerdócio, com tanta edificação e utilidade do povo que todos o aclamavam digno de maiores empregos. Vagou a cátedra de Toledo, ou pelo retiro ou pela morte de Quírico; e imediatamente se fez eleição de sucessor em nosso santo por um consentimento universal, apesar de sua humilde resistência.

Colocado Juliano no candelabro mais eminente da Igreja da Espanha, não tardou em acreditar com provas práticas o alto conceito que assim o clero como o povo de Toledo tinham formado de sua pessoa.

Todas as delicadas virtudes que exige o Apóstolo dos sujeitos consagrados a Deus no sublime ministério episcopal deixaram-se ver juntas no santo prelado com uma edificação maravilhosa. Seriam necessários muitos volumes para referir especificamente seus gloriosos feitos; mas, para que se forme uma ideia ao menos de sua excelente conduta, usarei das mesmas expressões de que se serve seu sucessor Félix para bosquejar seus relevantes merecimentos e o reguladíssimo acerto de seu pastoral governo. Juliano, diz aquele seu sábio cronista, tão digno de ser exaltado

com os louvores de todos quanto era adornado com as riquezas de todas as virtudes, compôs maravilhosamente sua igreja e mereceu o alto nome de sua dignidade; foi um varão cheio de temor de Deus, igual na prudência, recatado nos conselhos, perfeito na discrição, prontíssimo no alívio dos miseráveis, compassivo no socorro dos oprimidos, afetuoso na intercessão pelos desvalidos, destro no manejo e conclusão dos negócios, justo nas disposições jurídicas, suave nas sentenças, singular em sustentar os direitos da justiça, célebre nas disputas, perpétuo na oração, admirável na assistência aos divinos ofícios, valoroso na defesa das igrejas, vigilante no governo de seus súditos, severo em reprimir os soberbos, suave em tratar os humildes, valoroso em conservar a autoridade, insigne na humildade e geralmente esclarecido na perfeição de todas as virtudes; na misericórdia tão liberal, tão compassivo que não houve necessitado a quem não desejasse socorrer com ânsia; tão ardente na caridade que jamais lhe pediram alguma coisa por amor de Deus que não a concedesse; esmerando-se sempre no divino agrado e anelando, em honra deste, o dos homens; foi tão igual nos merecimentos aos insignes prelados que o precederam quanto êmulo de suas heroicas virtudes. Em suma, brilharam nele uma sabedoria admirável, uma prudência consumada, um zelo sempre ativo, uma caridade sem limites: tudo para todos, era o pai dos pobres, a força dos débeis, o apoio das viúvas, o tutor dos pupilos, comunicando seu esplendor às províncias vizinhas e portando-se geralmente com tanta doçura, amor e benevolência que, feito dono dos corações de seus súditos, o veneravam como a santo e o queriam como a pai.

O desejo de aproveitar à Igreja o fez convocar em Toledo quatro concílios, que foram o XII, XIII, XIV e XV, nos quais presidiu, tanto pela eminência de sua doutrina como pela autoridade de sua sede. Nestas célebres assembleias eclesiásticas fez constituições e regulamentos sábios e prudentes, acreditando em todos o fundo de sua admirável sabedoria e santidade. Dissolvido o sínodo XIII toledano a fins do ano 683 ou a princípios do de 684, recebeu Juliano as atas do VI concílio geral, celebrado em Constantinopla no tempo do papa Agatão contra os monotelitas, sectários da heresia de Apolinário, remetidas por Leão II, sumo pontífice, com o fim de que a Igreja da Espanha as aprovasse e recebesse. Mas, conhecendo o santo a dificuldade de congregar um concílio nacional no rigor do inverno, para dar pronta satisfação à cátedra apostólica dirigiu ao papa um escrito com o título de apologético da fé (que é o mesmo que celebraram e aprovaram os padres do concílio toledano XIV), no qual, além de testificar o santo a admissão e aprovação das referidas atas, em seu nome e no de toda a Igreja da Espanha, e anatematizar os erros dos monotelitas, manifestou-lhe o que de Cristo sentia e cria esta mesma Igreja universalmente. Recebeu este escrito Bento II, sucessor de Leão, ao tempo que chegou a Roma, e manifestou aos emissários seu reparo em ordem a certas proposições que continha: uma delas, que em Deus engendra a vontade à vontade; outra, que há nele três substâncias; estes são os dois pontos que nos constam. Recebida por Juliano esta resposta como uma honesta censura de sua obra, e não querendo insistir fazendo crítica dos sentimentos do papa, compôs, contudo, outro segundo apologético em defesa da doutrina do primeiro, onde manifestou claramente seu sentido, confirmando-o com tão abundantes testemunhos dos santos padres que convenceu plenamente não haver dito outra coisa que o que ensinaram Santo Agostinho, São Cirilo e Santo Isidoro de Sevilha. Este escrito, além de haver merecido por sua solidez e eloquência os mais altos elogios da sé apostólica, proposto no concílio toledano XV, não só o aprovaram os padres, mas o inseriram íntegro em suas atas, para que constasse à posteridade a pureza da fé do santo prelado e sua profunda inteligência nos mais difíceis mistérios.

Como Juliano estava cheio do Espírito Santo, que pareceu haver-lhe comunicado o dom de sabedoria, deu à luz muitas e muito sábias obras utilíssimas à Igreja, que lhe mereceram ser posto na ordem de seus padres. Estas são a dos prognósticos do século futuro, dirigida a Idácio, bispo de Barcelona, dividida em três livros, nos quais trata da origem da morte, do estado das almas depois dela e da última ressurreição; obra que deu motivo a que alguns confundam nosso santo com Juliano Pomério, presbítero da Mauritânia, que floresceu duzentos anos antes e compôs também um tratado da vida futura com o mesmo título de *Prognósticos*. O de nosso santo é uma coleção contínua de passagens de Santo Agostinho, São Gregório e do citado Pomério. Na *Biblioteca dos Padres* se acha um escrito de São Juliano, sob o título da origem da morte humana, do qual, falando certo crítico estrangeiro, diz que para escrevê-lo se elevou seu autor sobre a condição da carne, pois nele se encontra espírito, elevação, sabedoria, piedade, solidez, ordem, engenho e mais que comuns conhecimentos, não fáceis de achar-se juntos entre os talentos humanos.

Também compôs outro excelente tratado, com uma epístola ao rei Ervígio, sobre o cumprimento da sexta idade do mundo, contra os judeus, dividido em três livros: no primeiro prova com muitos testemunhos do Testamento antigo a vinda de Cristo; no segundo demonstra claramente que nasceu de Santa Maria Virgem, com a doutrina dos apóstolos; e no terceiro, com maravilhoso engenho, argumenta que as cinco idades do mundo precedentes à sexta, em que nasceu o Messias, não se distinguem por anos, mas pelos limites predefinidos nas gerações. Assim mesmo escreveu o livro dos contrários ou contrapostos, dividido em duas partes, sobre várias antilogias do Testamento antigo e do novo. Escreveu também a história dos feitos do rei Wamba na Gália Narbonense, por motivo da rebelião de Paulo, o Pérfido, e uma exposição muito erudita sobre o profeta Naum; cujas obras se acham na edição magnífica que deu à luz com a mais escrupulosa crítica o eminentíssimo senhor dom Francisco Antonio de Lorenzana, arcebispo de Toledo, no ano de 1782. Igualmente arrumou um livro de missas para todo o círculo do ano, distribuído em quatro partes, onde emendou algumas viciadas pela incúria dos tempos e compôs outras de novo; e assim mesmo fez outras orações para todas as festividades costumadas em sua Igreja, segundo o estilo de seu singular engenho.

Também compôs um livro de *Sentenças* das *Décadas* de Santo Agostinho, recopiadas breve e sumariamente, com uma coleção do mais precioso dos livros deste santo doutor contra Juliano herege; um livrinho dos *Juízos divinos*, recopilado dos sagrados códices; um livro de remédios contra a blasfêmia; outro de diferentes versos, epitáfios e anagramas numerosos; outro de muitas epístolas, com o opúsculo sobre a defesa da casa de Deus e dos que a ela se refugiam: os quais não existem, com notável sentimento da nação, pois neles, e com especialidade em suas cartas, poderíamos achar muitas apreciáveis instruções acerca da disciplina da Igreja da Espanha; devendo-se notar que se estimam por obras apócrifas do santo a crônica dos reis godos e certos versos que se lhe atribuem.

Finalmente, depois de haver governado santamente sua diocese como pastor zelosíssimo, tanto com a pureza de sua doutrina como com a severidade de seus exemplos, por espaço de dez anos, um mês e sete dias, morreu no Senhor no ano de 690, terceiro do reinado de Égica, com universal sentimento de seus súditos. Seu corpo foi sepultado na igreja de Santa Leocádia, contíguo aos de seus predecessores; embora se ignore hoje o sítio determinado onde se oculta tão precioso tesouro, como o de outros muitos santos arcebispos da imperial cidade de Toledo.

Martirológio Romano

Em Granada, na Espanha, São João de Deus, fundador da ordem dos irmãos hospitaleiros, esclarecido em misericórdia para com os pobres e em desprezo de si mesmo.

Em Antinoé, cidade do Egito, o trânsito dos santos mártires Filêmon e Apolônio, diácono, os quais, sendo presos e levados diante do juiz, como se resistissem constantemente a sacrificar aos ídolos, furaram-lhes os calcanhares e, atravessando-os com cordas, arrastaram-nos pela cidade com horrível fereza e por fim os degolaram.

Na mesma cidade, o martírio dos santos Ariano, presidente, Teótico e outros três, os quais foram afogados no mar por ordem do juiz; seus corpos os tiraram à praia os golfinhos.

Em Nicomédia, São Quintilo, bispo e mártir.

Em Cartago, São Pôncio, diácono do bispo São Cipriano, o qual, tendo sido companheiro seu no desterro até o dia de sua morte, deixou escrita uma excelente história de sua vida e martírio e, glorificando sempre a Deus em suas aflições, mereceu a coroa da vida eterna.

Também na África, os santos Cirilo, bispo, Rogato, Félix e outro Rogato, Beata, Herênia, Felicidade, Urbano, Silvano e Mamilo.

Em Toledo, na Espanha, o trânsito de São Juliano, bispo e confessor, muito esclarecido em santidade e doutrina.

Na Inglaterra, São Félix, bispo, o qual converteu à fé católica os ingleses orientais.

Missa (oração)

A missa é em honra deste grande santo, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Deus, qui beatum Joannem tuo amore succensum inter flammas innoxium incedere fecisti, et per eum Ecclesiam tuam nova prole fœcundasti: præsta, ipsius suffragantibus meritis, ut igne charitatis tuæ vitia nostra curentur, et remedia nobis æterna proveniant. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Ó Deus, que, abrasando com o fogo de vosso amor vosso servo o bem-aventurado João, fizestes que andasse ileso entre as chamas de um incêndio e quisestes por seu meio enriquecer vossa Igreja com uma nova família, concedei-nos, por seus merecimentos, que com o

mesmo fogo de vosso amor se curem nossos vícios e que achemos sempre em sua poderosa intercessão remédio para todas as nossas dolências. Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 31 do livro do Eclesiástico (o original diz “Sabedoria”), a mesma do dia 4.

Eclesiástico 31,8-11

> **Latim:** 8 Beatus dives qui inventus est sine macula, et qui post aurum non abiit, nec speravit in pecunia et thesauris. 9 Quis est hic ? et laudabimus eum : fecit enim mirabilia in vita sua. 10 Qui probatus est in illo, et perfectus est, erit illi gloria æterna : qui potuit transgredi, et non est transgressus ; facere mala, et non fecit. 11 Ideo stabilita sunt bona illius in Domino, et eleemosynas illius enarrabit omnis ecclesia sanctorum.

Português: 8 Bem-aventurado o rico, que foi achado sem mancha e que se não deixou ir após o ouro, nem esperou no dinheiro, nem nos tesouros. 9 Quem é êste, e nós o louvaremos? Porque fêz coisas maravilhosas em sua vida. 10 Ao que foi provado no ouro, e se achou ser perfeito, isto lhe servirá de glória eterna: O que pôde transgredir a lei de Deus, e não a transgrediu: O que pôde fazer mal e não o fêz: 11 Por isso os seus bens foram assegurados no Senhor, e toda a igreja dos Santos celebrará as suas esmolas.

Nota

«Não é somente nos tempos da lei de graça que as riquezas têm sido ocasião de muitos pecados e que tem sido tão difícil aos ricos conservar-se na inocência, pois que o autor do livro do Eclesiástico, que vivia uns duzentos anos antes da vinda de Cristo, olha como espécie de prodígio que um homem rico seja santo.»

Reflexões

Não há dúvida de que o apego às riquezas é estorvo para a salvação. Pois pergunto: é muito ordinário viver entre a opulência e viver sem este apego? Insinua-se o vício até no mais escondido do deserto; acendem-se as paixões ainda sob a cinza da penitência: e hei de crer eu que o vício há de respeitar a região dos prazeres e que as paixões se hão de apagar entre tantos objetos que as

fomentam e as excitam?

Um estado onde tudo contribui a lisonjear os sentidos e a fomentar as paixões conduz pouco para fomentar a piedade. A humildade, base da perfeição cristã, encontra-se raras vezes em meio dessa famosa opulência. Uma vida deliciosa, adulada, respeitada, raríssima vez foi vida inocente. Não só são espinhos as riquezas, segundo a expressão do mesmo Jesus Cristo, mas frequentissimamente são veneno, são peçonha.

E que se há de inferir de todas estas verdades senão que os ricos, os que se veem em alta, em opulenta fortuna, devem ser os mais religiosos observadores da lei; devem reputar por frívolos, por nulos todos esses privilégios da delicadeza que inventou o amor-próprio e guardar-se de todas essas infrações da lei que o mundo relaxado e dissoluto chama impropriamente dispensas; que, tendo maior número de inimigos que combater, devem velar e orar mais que os outros, macerando sua carne com a mortificação, para tirar a força às tentações que nascem de seu mesmo estado?

Coisa estranha! Os que desfrutam maiores conveniências no mundo são precisamente, de ordinário, os que não têm forças nem saúde para guardar os mandamentos da santa madre Igreja. Poucos ricos há, poucas damas delicadas a quem, se se há de crer o que dizem, não faça dano a comida de peixe e cuja saúde não se incomode, não se altere com o jejum. Não é porque lhes falte na mesa a delicadeza e o regalo, mas porque a saúde é sempre fraca, delicada e até poderia acrescentar-se preciosa quando se é rico.

Parece que os achaques crescem com as rendas. Aquele que numa mediana fortuna observava as mais severas leis da Igreja sem sentir incômodo, passando depois a ser um grande senhor imagina não ter forças para observar as mais suaves. As dispensas mal são mais que para a gente rica. Mas as autorizará o Senhor quando forem examinadas em seu tribunal?

Pelo contrário, a abstinência e o jejum, tão ordinários aos primeiros cristãos e tão necessários aos primeiros fiéis, parece que já não são senão para os pobres. O nome só de quaresma, de penitência, de mortificação altera os grandes, os poderosos do século. Mas não me dirão que significam aqueles oráculos de Jesus Cristo tantas vezes repetidos no Evangelho: O que cada dia não toma sua cruz e me segue não pode ser meu discípulo. Se não fizerdes penitência, todos igualmente perecereis? Digam-me em que lugar da Escritura estão dispensados os nobres e os poderosos desta regra universal?

Evangelho

O evangelho é do capítulo 22 de São Mateus.

Mateus 22,35-46

> **Latim:** 35 et interrogavit eum unus ex eis legis doctor, tentans eum : 36 Magister, quod est mandatum magnum in lege ? 37 Ait illi Jesus : Diliges Dominum Deum tuum ex toto corde tuo, et in tota anima tua, et in tota mente tua. 38 Hoc est maximum, et primum mandatum. 39 Secundum autem simile est huic : Diliges proximum tuum, sicut teipsum. 40 In his duobus mandatis universa lex pendet, et prophetæ. 41 Congregatis autem pharisæis, interrogavit eos Jesus, 42 dicens : Quid vobis videtur de Christo ? cujus filius est ? Dicunt ei : David. 43 Ait illis : Quomodo ergo David in spiritu vocat eum Dominum, dicens : 44 Dixit Dominus Domino meo : Sede a dextris meis, donec ponam inimicos tuos scabellum pedum tuorum ? 45 Si ergo David vocat eum Dominum, quomodo filius ejus est ? 46 Et nemo poterat ei respondere verbum : neque ausus fuit quisquam ex illa die eum amplius interrogare.

Português: 35 e hum d'elles que era doutor da lei, tentando-o, lhe perguntou: 36 Mestre, qual he o grande mandamento da lei? 37 Jesus lhe disse: Amarás ao Senhor teu Deos de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento. 38 Este he o maximo, e o primeiro mandamento. 39 E o segundo semelhante a este he: Amarás a teu proximo, como a ti mesmo. 40 D'estes doux mandamentos depende toda a lei, e os profetas. 41 E estando juntos os Fariseos, lhes fez Jesus esta pergunta, 42 dizendo: Que vos parece a vós do Christo? de quem he elle filho? Respondêrão-lhe: de David. 43 Jesus lhes replicou: Pois como lhe chama David em espírito Senhor, dizendo: 44 Disse o Senhor ao meu Senhor: Senta-te á minha mão direita, até que eu reduza os teus inimigos a servirem de escabello de teus pés? 45 Se pois David o chama seu Senhor, como he elle seu Filho? 46 E não houve quem lhe podesse responder huma só palavra: e d'aquelle dia em diante ninguem mais ousou fazer-lhe perguntas.

Meditação

Das obras de misericórdia

Primeiro ponto

Considera que naquele último juízo em que se há de examinar com o maior rigor o mau e o bom que houvermos feito, naquele juízo sem apelação onde se há de decidir de nossa eterna sorte, o instrumento melhor para ganhar nosso pleito hão de ser as obras de misericórdia. Vinde, benditos de meu Pai, a possuir o reino que vos está preparado desde a criação do mundo, dirá o soberano Juiz; porque tive fome e me destes de comer; tive sede e me destes de beber; não tinha onde recolher-me e me hospedastes; estava nu e me vestistes; estava enfermo e me visitastes; estava no cárcere e me fostes consolar. Responderão os justos: Senhor, quando fizemos essas coisas? Quando tivestes fome e vos demos de comer? Quando tivestes sede e vos demos de beber? Quando estivestes sem ter onde recolher-vos e vos hospedamos? Quando estivestes nu e vos

vestimos? Quando estivestes enfermo e vos visitamos? Quando estivestes no cárcere e fomos consolar-vos? Replicará o Salvador: Qualquer dessas coisas que fizestes ao mais mínimo de meus irmãos, a mim mesmo a fizestes.

Comprou-nos Cristo o céu à custa de seu sangue; e não pede mais que isto para pôr-nos em posse desta herança. O infinito amor que nos teve foi o que o moveu a fazer tanto por nossa salvação; e por isso quer que o amor a nossos irmãos nos faça merecer a coroa. Pode pedir-nos menos para fazer-nos eternamente ditosos? E, custando tão pouco o salvar-se, poderá ter desculpa o que se condena?

Segundo ponto

Considera que não podia o Salvador pedir-nos coisa que fosse mais posta em razão nem mais fácil. Não diz: vinde, benditos de meu Pai, possuí o reino que vos está preparado, porque passastes a vida em elevadíssima contemplação ou num obscuro retiro; porque despedaçastes vosso corpo com rigorosas penitências, porque o extenuastes com perpétuos jejuns, porque o ardor de vosso zelo vos fez correr e penetrar até os países mais remotos, até as mais bárbaras nações. Nenhuma coisa é mais louvável, nenhuma mais santa, nenhuma mais meritória do céu, é verdade; mas este divino Salvador não impõe por condição precisa para consegui-lo essa eminente virtude, esses penosos trabalhos, esse extraordinário valor; porque sabe bem que nem todos poderiam facilmente fazer tão grandes méritos. Tendo derramado seu sangue para que todos se salvassem, quis que ninguém pudesse alegar desculpa racional para não fazer o que é necessário para salvar-se. Se não tens espírito nem saúde para fazer rigorosas penitências; se por seres tão imperfeito não mereces o dom de uma elevada contemplação; por onde poderás escusar-te de compadecer-te dos trabalhos do próximo e de dar uma esmola aos pobres? Bem está que teu estado não te permita ir levar a luz do Evangelho ao país dos infiéis; mas quem te impede visitar os pobres do hospital e consolar os que estão no cárcere? Se não podes socorrer a uns nem a outros com tuas esmolas, por que não poderás alentá-los com tuas palavras? Que desesperação será a tua naquele momento decisivo da eternidade por haver desprezado uns meios tão fáceis para salvar-te! Que confusão causará aos cristãos covardes a imensa caridade de São João de Deus, vendo que eles não fizeram caso das obras de misericórdia!

Não permitais, Senhor, que estas reflexões tão saudáveis aumentem naquele dia crítico o motivo de meu arrependimento; e, se até aqui fui tão desgraçado que não soube aproveitar-me delas, fazei, divino Salvador meu, que esta meditação repare minhas faltas passadas.

Jaculatórias

> *Non diligamus verbo, neque lingua, sed opere et veritate.* 1 Jo 3.

Não consista em palavras, mas em obras o amor ao próximo; porque obras são amores, e não boas razões.

> *Quis infirmatur, et ego non infirmor?* 2 Cor 11.

Como pode estar enfermo um irmão meu sem que eu o esteja também por compaixão?

Propósitos

1. Não é mister mais motivo para inclinar todos os fiéis ao exercício das obras de misericórdia que o mesmo objeto delas. Quando visitas esse enfermo, esse homem infeliz no hospital ou no cárcere, não pretende a religião que precisamente o olhes a ele como objeto de tua visita; quer que te faças cargo de que visitas o próprio Jesus Cristo na pessoa desse encarcerado, desse enfermo; que o próprio Jesus Cristo é a quem consolas entre as cadeias e os grilhões; o próprio Jesus Cristo a quem levas essa tigela de caldo; o próprio Jesus Cristo a quem dás essa esmola: *mihi fecistis*. O próprio Jesus Cristo é quem no-lo assegura assim. É possível que se creia esta verdade e que haja cristãos que não visitem todos os dias os cárceres e os hospitais!

2. Resolve neste mesmo dia que não passe semana alguma sem que faças uma visita ao menos aos pobres do hospital; e, quando fores a ela, persuade-te e dize a ti mesmo: vou visitar o próprio Jesus Cristo. Em algumas partes chama-se o hospital a casa de Deus; porque quer Cristo que se entenda que vive ali na pessoa dos pobres. Faz-se vaidade e reputa-se por honra muito especial isto de ter entrada no palácio; ninguém há que não a possa lograr a todas as horas no palácio de Jesus Cristo, vendo-o e falando-lhe sempre que queira em seu hospital. Esta só consideração deveria animar a caridade dos fiéis para com os pobres enfermos.

Oração para o quinto dia da novena.

«Grande apóstolo de tantos povos, cujo zelo parecia mais vasto que todo o universo e cuja caridade se estendeu a tantas nações; glorioso São Francisco Xavier, que somente respiráveis a salvação das almas, compadecei-vos das misérias da minha: alcançai-me aquela caridade cristã, sem a qual não posso ser discípulo de Cristo, e com ela a graça que vos peço nesta novena, se há de ser para maior glória de Deus e bem de minha alma. Amém.»

Revision #1
Created 20 November 2026 20:45:46 by Admin
Updated 20 November 2026 20:45:47 by Admin